

CIDADE ABERTA

PEDRO MAIA

11/7/2010



Problema antigo que atazana capixabas

Em sua edição de quarta-feira, **A Tribuna** divulgou matéria da lavra da coleguinha Kelly Kalle que mostrou a situação de diversas ruas da capital, onde a existência de buracos nas pistas atazana a vida dos capixabas, causa prejuízos aos motoristas e coloca em risco constante a segurança dos pedestres. Esse é um velho problema que há anos preocupa moradores da Grande Vitória.

Pelas periferias há buraco que completou bodas de ouro. Dia desses, num bairro de Vila Velha, um Fusca coube inteirinho dentro de um!

Como se não bastassem os bueiros, cujas tampas são criminosamente roubadas por pilantras, que as vendem em ferros velhos, chuva e transporte de carga pesada também contribuem para agravar ainda mais essa triste e antiga situação.

A propósito do assunto, há tempos passados corria na cidade uma historinha de autoria do jornalista, poeta e escritor Marien Calixte publicada no extinto jornal O Diário (da rua Sete de Setembro) no estilo non sense, no qual Marien sempre foi mestre.

Trata-se de fábula moderna que, como toda fábula que se preze, tem fundo moral. Vamos, pois, a ela.

Certo dia, a prefeitura de um dos municípios que compõem a Grande Vitória abriu concorrência pública para venda de um buraco de dimensões modestas, mas com futuro promissor, que se situava numa rua movimentada.

Um comerciante esperto leu o edital de venda e, de pronto, resolveu se habilitar para adquirir a preciosidade. Afinal, tratava-se de um buraco simpático, robusto, à venda por um precinho irrisório!

Então o comerciante se apresentou em enviar sua proposta à municipalidade. E ficou radiante quando soube que o buraco, após pagas as taxas legais, seria todo dele. Foi uma festa! Até coquetel aconteceu para comemorar a singular aquisição.

No dia seguinte à oficialização da compra, o novo dono do buraco, logo de manhã, providenciou para tomar posse do que, por di-

reito de compra, era seu: um lindo buraco de metro e meio de circunferência e quase metade disso de profundidade!

Mas, quando chegou, uma surpresa: o buraco, devido às chuvas na véspera e ao constante movimento de veículos, havia aumentado consideravelmente de tamanho, não seria possível transportá-lo na carroceria do caminhão especialmente fretado.

Discute daqui, discute dali, com a inevitável intervenção de muitos palpiteiros que não tinham nada a ver com o peixe –

nesse caso com o buraco –, e depois de muito falatório, resolveu-se que o buraco seria transportado por meio de arrasto.

Ou seja, seriam atados a ele alguns cabos de aço e o caminhão o levaria arrastado.

Da decisão passou-se à ação. Foram engatados os cabos e, quando estava tudo preparado para a partida triunfal, eis que um guarda de trânsito – também municipal – resolveu meter o bedelho e, a título de colaboração, parou o trânsito para facilitar o transporte.

Então, gentilmente, solicitou ao motorista do caminhão que desse marcha a ré para desafogar o fluxo dos carros

que, àquela altura, descambara para congestionamento, desses que capixaba tão bem conhece.

Prontamente, o dono do buraco atendeu. E aí se deu a tragédia: o caminhão engatou a ré e acabou caindo dentro do buraco, levando consigo o comerciante esperto que, em virtude do fato, morreu vítima de sua própria ambição.

Moral dessa fábula de vanguarda: quem compra buraco da prefeitura, acaba sempre no buraco. E como tem buraco aí pelas ruas para ser negociado!!!



Moral dessa fábula de vanguarda: quem compra buraco da prefeitura, acaba sempre no buraco